

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/portugal01>

# O OCEANO NÃO SEPARA

*(Evaldo Balbino)*

Nestas terras e além delas,  
os pés caminham, caminha  
a voz humana mui vária.

São tantas almas, desejos,  
e os corpos são naves  
navegando mares.

Os corpos são aves  
nadando o oceano  
– esta imensa ponte.

As águas unem fados  
de cristos humanados  
e pés andando em ondas.

Aqui mesmo onde,  
nas terras brasis,  
se multiplicam cores.

Se multiplicam línguas  
desdobrando os panos  
e os mil paladares.

Aqui mesmo migro,  
vagueio entre falas  
se namorando várias.

Arapucabiboca  
carioca caipora  
curumimjururu.

Acarajé farofa  
fubá bobó moqueca  
quitute de se comer.

Açafate acéquia  
achaque abajur  
de lâmpada bege.

Ária arpejo sonata  
trêmulo soneto  
e esta minha serenata.

Efêmero íncola  
na valsa no verso  
de línguas irmãs.

Navego entre palavras  
me cingindo amorosas  
por não me serem só.

Sigo entre montanhas  
e as livres planuras  
de gentes e saberes.

Em cerrados e caatingas  
ramificam-se olhares,  
entrebeijam-se sabores.

Vivo este terreno  
onde bocas emaranham  
cultivos e culturas.

Do mesmo modo ouço  
além, do outro lado  
dessa líquida ponte,

As vozes portuguesas  
se estendendo longe,  
me osculando a fronte.

Banheiro casa de banho  
café da manhã calcinha  
bonde cuecas elétrico.

Acólito coroinha  
celular telemóvel  
aluguer de mágoas fado.

Ponto de liga trem  
pano de prato/loiça  
belo desenho de moça.

Time equipa tricô  
comboio xícara chávena  
onde juntos solvemos.

A última flor do Lácio,  
a língua portuguesa,  
a mesma língua vária.

O oceano não separa  
em sua imensa seara  
o que o tempo ajuntou.

Belo Horizonte, 11 de setembro de 2018.